

TEORIA CRÍTICA E SEMIFORMAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

SILVA, ODAIR VIEIRA

Docente do curso de pedagogia da FAEF/ACEG – Garça – SP.

e-mail: odairvieiras@professor.sp.gov.br

RESUMO

O presente artigo pretende analisar o colapso da formação cultural a partir da primeira metade do século XX. Para refletirmos sobre a materialidade histórica desse assunto, recorreremos aos aportes da Teoria Crítica ou Escola Frankfurt. A Escola de Frankfurt refere-se a um movimento filosófico alemão da primeira metade do século XX, composto por dissidentes do movimento marxista. Dentre os principais pensadores da Teoria Crítica destacamos Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse. O principal objetivo desse trabalho será o de refletir como a educação escolar, sob a égide do capitalismo tardio vem se transformando em *locus* de produção da capacidade de trabalho sem, contudo, garantir a formação plena de um indivíduo crítico, reflexivo e emancipado. Assim, a análise sobre formação educacional se dará sobre dois conceitos básicos da Teoria Crítica: “indústria cultural” e “semiformação”.

Palavras chave: Educação. Semiformação. Teoria Crítica.

Tema Central: Pedagogia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the collapse of cultural formation since the first half of the twentieth century. Reflecting about the historical materiality of this topic, we turn to the contributions of the Frankfurt School and the Critical Theory. The Frankfurt School refers to a German philosophical movement in the first half of the twentieth century, formed by dissidents of the Marxist movement. The leading thinkers defending the Critical Theory were Max Horkheimer, Theodor Adorno and Herbert Marcuse. The main objective of this article will be to consider how school education, under the aegis of late capitalism, transforms to the locus of production of work capacity, without ensuring the total formation of critical, reflective and emancipated individuals. So, the analysis about educational formation is based on two main concepts of Critical Theory: The "cultural industry" and "semi-formation."

Keywords: Education. Semi-formation. Critical Theory.

1. INTRODUÇÃO



A elaboração desse trabalho teve como referencial teórico a Teoria Crítica ou Escola de Frankfurt, essa teoria tem como principais pensadores Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse. A escolha da teoria crítica como norteadora para a realização desse artigo se deu pelo fato de que as teorias científicas na área das ciências humanas e sociais garantem a aquisição e a produção de conhecimentos críticos sobre a realidade concreta. Além disso, as teorias científicas se apresentam como modelos explicativos que tentam reconstruir a realidade, respondendo aos fatores que a produziram, buscando soluções para suas consequências.

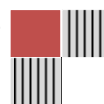
De acordo com Bueno (2003, p. 23), “a Teoria Crítica revela-se como instrumento importante para a análise educativa por nos apresentar o processo histórico de constituição da razão em sua dialética”. Nesse sentido, a análise da materialidade histórica da formação educacional se dará com base em dois conceitos da Teoria Crítica: indústria cultural e semiformação.

Nessa perspectiva, Pesce (2009, p. 137) assevera que a indústria cultural “[...] gera indivíduos submissos e conformados, pois não trabalha com autonomia, reflexão e crítica”. No que diz respeito à semiformação, a mesma não proporciona a emancipação dos indivíduos, fazendo com que haja um “predomínio da razão instrumental voltada para a adaptação e o conformismo”. (PESCE, 2009, p. 135).

Assim, ao longo desse trabalho pretendemos refletir sobre as estratégias utilizadas pela indústria cultural e a sua conseqüente semiformação como agentes de dominação das esferas culturais e educacionais, gerando também a exclusão da autonomia e da emancipação dos indivíduos.

2. A TEORIA CRÍTICA E A SEMIFORMAÇÃO

Segundo Bueno (2003), a Teoria Crítica ou Escola de Frankfurt originou-se da iniciativa intelectual de um grupo de jovens estudantes de filosofia na Alemanha. O autor salienta que,



Durante a década 1920, os intelectuais alemães de esquerda, frustrados pelo fracasso da promessa socialista na Europa e em especial na Alemanha, viram-se diante do seguinte dilema: apoiar o socialismo russo, fundado pelos bolcheviques, ou apoiar o socialismo moderado da República de Weimar. Dentre estas alternativas, pareceu mais sensato aos fundadores da Teoria Crítica seguir um terceiro caminho, inicialmente traduzido na revisão dos pressupostos da própria teoria marxista. Esta deveria ser revista para que pudesse integrar-se de maneira mais efetiva a uma possível práxis revolucionária. Em seu período inicial a Escola Frankfurt dedicou-se, portanto, à pesquisa de caminhos teóricos que viabilizassem ao proletariado sua realização histórica enquanto sujeito revolucionário. (p. 24).

Melo (2011), argumenta que as primeiras elaborações da teoria crítica tiveram início na década de 1930. Nesse período iniciaram as primeiras tentativas de renovação científica por parte da teoria crítica, na abordagem de um materialismo interdisciplinar. Na década de 1940, os teóricos da Escola de Frankfurt iniciaram uma nova análise caracterizada pela desconfiança diante dos potenciais de emancipação e autonomia propostos para esta etapa de evolução do modo capitalista de produção.

Nessa perspectiva, a teoria crítica sofre influências da psicanálise de Sigmund Freud e aos poucos se afasta da corrente filosófica marxista. As teorias Freudianas provocam reformulação dos trabalhos de pesquisa da Teoria Crítica que, guiados pela teoria marxista, se incomodavam “com a incapacidade dos proletários em produzirem respostas práticas no sentido de buscarem a superação de sua condição econômica de explorados”. (BUENO, 2003, p. 26).

A introdução da psicanálise na Teoria Crítica buscou apreender os motivos que levavam a classe operária à deformação da consciência, pois a reprodução capitalista e “os interesses da classe dominante impunha aos trabalhadores uma percepção a tal ponto deformada da realidade, que os levava a pensarem e agirem de maneira contrária a seus interesses de classe”. (BUENO, 2003, p. 26)

Desse modo, em 1947 com a publicação do livro *Dialética do Esclarecimento*, escrito conjuntamente por Max Horkheimer e Theodor Adorno, ficam claras as principais preocupações da Escola de Frankfurt.

[...] desencanto perante um mundo que assiste às barbáries cometidas pelo nazismo e pelo stalinismo, e que louva como democrática a degradação cultural do consumismo norte-americano, levou os autores à conclusão de que,



subjacentes à ação humana na história, as estruturas da própria razão já contêm os elementos que perpetuam a violência e a injustiça. (BUENO, 2003, p. 27)

A partir de então, os pensadores da Teoria Crítica elaboram os conceitos de semicultura e semiformação. De acordo com a Teoria Crítica a semicultura é promovida pela indústria cultural que difunde a chamada cultura de massa, que se adapta aos desejos de consumo da população em geral, como bens culturais desprovidos de uma dimensão crítica. Já a semiformação, se caracteriza pela adaptação dos conteúdos formativos à lógica do mercado cultural, e da reprodução capitalista desprovidos dos elementos centrais da formação, como a dimensão crítica e a autonomia. (BUENO, 2003).

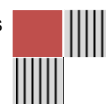
Nesta perspectiva, Pucci (1997) salienta que ao longo do século XX com o desenvolvimento do capitalismo monopolista aliado a sua conseqüente revolução tecnológico-industrial, instaura-se uma nova realidade cultural.

Os produtos culturais deixam de ser predominantemente valores de uso para se tornarem valores de troca, integrados à lógica de mercado; são produzidos e reproduzidos em série como qualquer outro objeto; tornam-se mais acessíveis à população pela possibilidade de adquiri-los. Desenvolve-se uma indústria da produção cultural (p. 91)

De acordo com Maar (1997), a indústria cultural concebida na primeira metade do século XX é a grande promotora da semiformação. A indústria cultural e a conseqüente semiformação surgem como estratégias para promover certa aparência de liberdade e esgotar as lutas de classes subjacentes ao modo capitalista de produção.

Maar (1997) ainda ressalta que a indústria cultural provoca o bloqueio da realidade e dos ideais de liberdade da humanidade, de modo que a aparência idealizada da realidade substitui a realidade efetiva com o objetivo de evitar confrontos.

Além das características acima descritas a indústria cultural e a semiformação garantem a dominação de todas as esferas da cultura, promovendo também a exclusão da autonomia e da emancipação dos indivíduos. Desse modo, a indústria cultural e a semiformação provocam negação da formação cultural plena, como também a



racionalização da não liberdade do homem, gerando a impossibilidade do mesmo se tornar um indivíduo autônomo. (MARCUSE, 1969)

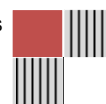
Nessa percepção, Adorno (1986, p. 78) afirma que “a aparência de liberdade torna incomparavelmente mais difícil perceber a própria falta de liberdade do que quando se opunha a falta de liberdade manifesta”. No tocante à educação contemporânea, Pucci (1997) relata a duplo caráter da formação cultural baseada na adaptação à dominação das estruturas de poder.

A formação cultural vai perdendo a energia que lhe dava a vida, que a locupletava, passa a ser entendida como configuração da vida real e destaca unidimensionalmente o momento da adaptação. Absolutiza-se sua outra dimensão. O véu da integração encobre as possibilidades de manifestações da autonomia do sujeito, impedindo que os homens se eduquem uns aos outros, dificultando-lhes a compreensão crítica da vida real, favorecendo manifestações irracionais. A consciência da massa, “formada” por bens “culturais” neutralizados e petrificados, é levada a desenvolver valores de consumo imediatos, mantendo distância em relação às reais criações artísticas, excluída do privilégio da cultura. (p. 91).

Assim, a semiformação não permite que os indivíduos desenvolvam plenamente suas potencialidades para poderem colaborar para a transformação da realidade social em que estão engendrados, pois lhes falta o momento emancipador. Do mesmo modo, Bueno (2003) assegura que a semiformação, por meio da educação, impossibilita o homem contemporâneo de experimentar o mundo de maneira autônoma.

Se seguirmos essa perspectiva, podemos dizer que os parâmetros educacionais da atualidade fazem com que os indivíduos sejam educados cognitivamente e afetivamente para se subordinarem ao processo de semiformação cultural, o que lhes embute uma característica conformista e adaptativa. O conformismo e adaptação ao *status quo* faz com que cada vez mais as escolas formem consciências felizes, ao invés do discernimento e do inconformismo. (ZUIN, 1997)

A indústria cultural e a consequente semiformação surgiram como estratégias para promover uma certa aparência de liberdade e esgotar as lutas de classes subjacentes ao modo capitalista de produção. Tais estratégias foram utilizadas como instrumentos de dominação cultural e intelectual das grandes massas.



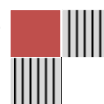
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscou-se analisar os principais obstáculos à emancipação e a formação cultural da classe trabalhadora ao longo do século XX. Essa análise se deu por meio da abordagem de dois conceitos básicos da teoria crítica: a indústria cultural e a semiformação.

De acordo com os teóricos frankfurtianos, a indústria cultural concebida na primeira metade do século XX é a grande promotora da semicultura. Já a semiformação, se caracteriza pela adaptação dos conteúdos educacionais e formativos à lógica do mercado cultural e da reprodução capitalista, que são desprovidos dos elementos centrais da formação, como a dimensão crítica e a autonomia dos indivíduos. (BUENO, 2003).

Nesse sentido, a preocupação de que esse espírito alienado imposto pela indústria cultural e a cultura de massa aos processos formativos se perpetue é latente. Entretanto, para se reverter esse quadro, é preciso resgatar nos processos educacionais as experiências formativas, que visem “a humanização do homem na sua racionalidade, sensibilidade, corporeidade e materialidade” (PUCCI, 1997, p. 111). Ao mesmo tempo, deve-se considerar o papel basilar da educação enquanto promotora da formação e da mobilização cultural buscando ampliar os sentidos da emancipação e da transformação social.

Para Bolle (1997), a educação contemporânea necessita formar alunos com espírito crítico, no sentido de contestar os parâmetros e as visões de mundo dominado pela mídia, pela reprodutibilidade técnica e pela perseguição de metas utilitárias. Assim, a formação crítica, conforme Benjamin (apud BOLLE, 1997, p. 11), serve para “libertar o futuro de sua forma presente desfigurada”.



4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986

BOLLE, W. A ideia de formação na modernidade. IN: GHIRALDELLI JUNIOR, P. (org.). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.

BUENO, S. F. **Pedagogia sem sujeito**: qualidade total e neoliberalismo na educação. 1. ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

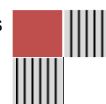
MAAR, W. L. A formação em questão: Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da indústria cultural. IN: ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. (orgs). **A educação danificada**: contribuições a teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MELO, R. **Teoria crítica e os sentidos da emancipação**. Salvador: CADERNO CRH, v. 24, n. 62, p. 249-262, Maio/Ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24n62/a02v24n62.pdf>>. Acesso em 18 out. 2012

PESCE, L. O educador em foco: um olhar sobre as políticas de formação docente na modalidade de educação a distância. IN: FELDMANN, M. G. (org). **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

PUCCI, B. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. IN: ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. (orgs). **A educação danificada**: contribuições a teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.



ZUIN, A. A. S. A indústria cultura e as consciências felizes: psiques reificadas em escala global. IN: ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. (orgs). **A educação danificada**: contribuições a teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, 1997.

